



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

VIVÊNCIAS A MUITAS MÃOS: CONSTRUINDO CULTURA DE PAZ COM CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS

EXPERIENCES SHARED BY MANY HANDS: BUILDING A CULTURE OF PEACE WITH CHILDREN AND THEIR FAMILIES

Marcleia Santana dos Santos¹

Kátia Siena Santos Dias²

Julianna Britto Oliveira Santos³

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexão sobre a importância da cultura de paz nas escolas, considerando que vivemos em uma sociedade em que os valores essenciais para a convivência, como respeito, educação, diálogo, cooperação e ética, têm sido gradualmente negligenciados. Essa situação afeta significativamente as relações humanas, com reflexos profundos no ambiente escolar. Diante desse cenário, o principal objetivo deste trabalho foi criar espaço para reflexão acerca da cultura de paz em uma comunidade escolar de Educação Infantil, promovendo a adoção de novas atitudes no cotidiano pedagógico. A proposta foi metodologicamente referenciada por uma abordagem participativa em que a temática foi inicialmente apresentada aos professores e à equipe pedagógica da escola, seguida de uma abordagem colaborativa com as crianças e as famílias. Foi construído um cronograma de atividades, de modo interativo e diversificado, envolvendo teorias e práticas significativas, como exibição de vídeos, uso de músicas, elaboração de cartazes e leitura de textos relacionados ao tema com toda a comunidade escolar. Dentre os resultados obtidos, considerou-se essencial o fortalecimento e a qualificação dos vínculos com a comunidade escolar, envolvendo as famílias e estimulando seu protagonismo na construção de sentimentos e atitudes cotidianas pautadas na paz, na empatia e na colaboração. As reflexões e as ações contaram com a participação das crianças, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, sendo de extrema importância para o alcance do objetivo desta pesquisa. Dessa forma, buscou-se proporcionar, nos tempos e espaços escolares, experiências e vivências relacionadas ao respeito, à harmonia e à participação, capazes de potencializar qualitativamente o desenvolvimento e a aprendizagem, sob os eixos da educação integral, em diálogo com os princípios e as finalidades da educação de crianças pequenas.

Palavras-chave: Comunidade colaborativa. Cultura de paz. Educação infantil.

¹ Pedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica. E-mail: sakuracardkeia2@hotmail.com

² Pedagoga, especialista em Atendimento Educacional Especializado. E-mail: katiasiene@yahoo.com.br

³ Mestra em educação, Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: juliannabritto1980@gmail.com



ABSTRACT

This article reflects on the importance of a culture of peace in schools, considering that we live in a society where essential values for coexistence, such as respect, education, dialogue, cooperation, and ethics, have been gradually neglected. This situation significantly affects human relationships, with profound and impactful repercussions in the school environment. Given this scenario, the main objective of this work was to create a space for reflection on the culture of peace among early childhood education students, promoting the adoption of new attitudes in daily school life. Methodologically, it was based on a participatory approach where the theme was initially presented to the teachers and the school's pedagogical team, followed by a collaborative approach with the children and families. An interactive and diversified schedule of activities was created, involving significant theories and practices, such as video screenings, the use of music, the creation of posters, and the reading of texts related to the theme for the entire school community. Among the results obtained, we consider it essential to strengthen and enhance broader ties with the school community, involving families and encouraging them to take on leading roles in building peace, empathy, and collaboration. The reflections and participatory attitudes of the children, both in and out of the school environment, were extremely important for achieving the objective of this research. Therefore, the aim was to provide school time/spaces with feelings, experiences, and activities correlated with respect, harmony, and participation that qualitatively enhance development and learning, under the axes of holistic education, thus aligning with the principles and purposes of education for young children.

Keywords: Collaborative community. Culture of peace. Early childhood education.

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, a vida societária tem demandado princípios de convivência harmônica, como respeito, educação, diálogo, cooperação e ética, considerados elementos importantes para a valorização e a celebração das relações humanas, na perspectiva cosmológica. Nas instituições escolares, entendidas como células da sociedade, verificam-se, historicamente, situações que demandam a intervenção de educadores, da equipe pedagógica e da administração para ajudar os estudantes a refletir e a recriar seus espaços/tempos, de modo a potencializar elementos de cidadania e democracia plena. Urge o enfrentamento das multifacetadas formas de violência, incluindo agressões físicas, verbais e simbólicas (como o *bullying*), a violência silenciada (indiferença em relação ao outro) e aquelas relacionadas a fatores estruturais, que constituem pilares para a ocorrência de racismo, capacitismo e violência de gênero.

A recorrência de atos e sentimentos pautados na natureza maniqueísta presente nas instituições educacionais e reforçados por seus currículos ocultos faz com que muitos estudantes manifestem sentimentos solipsistas, desmotivando-se em sua trajetória escolar e, em algumas ocasiões, impactando até mesmo sua permanência e a qualidade de seu desenvolvimento e de suas



aprendizagens. Assim, a violência assume, nas instituições, formas multirreferenciais e multimodais, constituindo um relevante desafio no âmbito educacional. As formas mais frequentes de barbárie são sofridas e naturalizadas, a exemplo da agressão verbal, da segregação e da redução de oportunidades, consubstanciadas principalmente na discriminação e no preconceito em razão de cor, fé, classe social ou orientação sexual (Jares, 2002).

Para que qualquer indivíduo consiga ter acesso proativo ao conhecimento acumulado ao longo da história, é necessário um ambiente de convivência saudável e propício a vivências significativas. A escola, nesta perspectiva, desempenha um papel fundamental e privilegiado no acesso a esses saberes e em sua reconstrução; no entanto, precisa avançar no planejamento de ações que dialoguem de forma interseccional com os atores educacionais, a fim de promover a reflexão sobre suas finalidades, seus princípios e seus valores, bem como sobre formas conscientes e potentes de sua construção. A sociedade está passando por mudanças profundas, marcadas por aspectos tanto positivos quanto negativos, entre os quais se encontram concepções epistemológicas e ontológicas da vida humana e a busca por mecanismos de enfrentamento às mazelas e à marginalização dos sujeitos sociais, enquanto se enfrentam também as consequências das desigualdades sociais, evidenciadas no aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas, na exploração sexual infantil e em tantas outras violências, em suas múltiplas facetas, que atravessam os sujeitos desde a infância até a idade adulta.

Diariamente, nos meios de comunicação, são relatados incidentes de agressões, homicídios, roubos, sequestros, entre outros, e a escola, como parte dessa sociedade, também é afetada por essas questões, com destaque para a violência. Compreende-se que a violência não se limita apenas ao ambiente externo das escolas; ela ultrapassa essas fronteiras, uma vez que notícias sobre agressões dentro das instituições educacionais têm sido cada vez mais frequentes.

Dessa forma, a necessidade de ampliar o debate sobre a promoção da cultura de paz na educação é pauta fundamental e urgente. O esgotamento dos métodos focados no combate à violência (cultura repressiva) impulsiona a busca por abordagens preventivas e educativas dentro das escolas, a fim de conter a violência.

Quanto mais se discutem as formas e as manifestações da violência no cotidiano, mais essas situações ganham visibilidade por meio de seu desvelamento, de relatos e de reflexões, o que demonstra a relevância de associar a essas ações estratégias voltadas à promoção da cultura de paz. Somente dessa maneira, ao longo do tempo, será possível construir um ambiente escolar equânime, em que haja respeito entre as pessoas, contribuindo, em conjunto com outras instituições, para a construção de relações sociais harmônicas.

Para alcançar este propósito, é essencial construir comunidades de aprendizagem e de pertencimento, envolvendo os estudantes e suas famílias, uma vez que estas são, conforme Fernández



(2005, p. 36), “o primeiro modelo de socialização de nossas crianças”. Dessa forma, percebe-se que a família desempenha um papel fundamental na formação dos primeiros laços emocionais, no posicionamento e na construção de atitudes desde a infância dos sujeitos.

A comunidade, enquanto local de aprendizagens colaborativas, reflexivas e relacionais, constitui um espaço significativo de envolvimento, pertencimento e criação de estratégias que visam a contribuir assertivamente para as vivências dos estudantes, sendo essencial ampliar esse processo para outros atores comunitários, como a família e o próprio território em que a escola está inserida. Para que ocorra uma mudança relevante na cultura das escolas e na sociedade, é necessário que os familiares sejam parte ativa dessa transformação.

Nesse contexto, o presente estudo tem como finalidade discutir as implicações teórico-práticas da construção da cultura de paz a partir da unidade escolar e promover uma agenda de ações educativo-pedagógicas voltadas à promoção da cultura de paz nas relações entre crianças, famílias e comunidade escolar na escola pesquisada, tendo como objetivos secundários refletir sobre o papel do docente na adoção de práticas pedagógicas que envolvam questões de paz nas escolas e averiguar como a cultura de paz pode contribuir para o desenvolvimento do educando no processo de ensino-aprendizagem.

Os resultados revelaram que a temática, ainda que recorrente, demanda atenção permanente dos sujeitos educacionais e que a reflexão e a criação de estratégias contribuem para o fortalecimento dos elos entre esses sujeitos, sejam eles docentes, crianças, famílias ou a comunidade de modo ampliado.

2. TECENDO VIVÊNCIAS: CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS COLABORATIVOS NA CULTURA DE PAZ

O direito de crescer e viver em um contexto de paz remete ao direito fundamental a vivências e experiências proativas que promovam o desenvolvimento integral das crianças desde a tenra idade. A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, constitui espaço/tempo de planejamento, acompanhamento e promoção de cotidianos no âmbito socioeducacional. Portanto, é importante pensar e promover vivências, experiências e atividades que permitam a inserção de bebês e crianças pequenas em contextos de não violência e de valorização da cultura de paz, como premissas basilares das relações humanas.

Essa temática suscita um debate relevante no âmbito de documentos nacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), e internacionais, como a Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, da Organização das Nações Unidas (ONU, 1999):

Zelar para que as crianças, desde a primeira infância, recebam formação sobre



valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que lhes permitam resolver conflitos por meios pacíficos e com espírito de respeito pela dignidade humana e de tolerância e não discriminação.

Promover uma educação integral no ambiente escolar perpassa múltiplas aprendizagens que se inter-relacionam com os conhecimentos socioculturais estabelecidos, ampliando o interesse, a participação e a efetividade das experiências éticas de convivência humana.

Em algumas situações, a escola tem sido o único ambiente em que esse assunto é explorado e discutido. Muitas famílias incentivam seus filhos nesse sentido; no entanto, eventualmente, observam-se situações em que pais dizem: “filho, você não deve aceitar agressões na escola; se forem te atacar, reaja também”. Essa e outras situações apresentam-se como expressões de uma crise de valores bastante significativa, na qual raramente se observam os pais abordando com seus filhos temas como respeito, humildade, comunicação, cooperação e ética. Esses aspectos estão sendo negligenciados ou tratados como fragilidade ou sujeição. Nas escolas, muitas vezes, também não se dá atenção a esses aspectos; o foco está muito voltado ao cumprimento das competências e habilidades curriculares e à disciplinarização, esquecendo-se da necessidade de trabalhar também questões relacionadas a valores e ao diálogo, que devem estar presentes tanto no ambiente escolar quanto na vida social (Brasil, 2004).

Há uma crescente preocupação em relação à violência, evidenciando a relevância de abordar e cultivar uma cultura de paz nas instituições de ensino. O Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei nº 13.005/2014, estabelece, em sua Meta 7, o objetivo de “fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com a melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem [...]” (Brasil, 2014). A elevação da qualidade do ensino também está atrelada às interações interpessoais; o ambiente escolar desempenha um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, pois não é possível oferecer uma educação de qualidade em um espaço marcado pela violência. Nesse sentido, a Estratégia 7.23 estabelece:

Garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade (Brasil, 2014).

Essa estratégia representa um progresso, pois possibilita o desenvolvimento de ações voltadas à cultura de paz nas instituições de ensino. A inclusão dessa temática no Plano Nacional de Educação reforça a importância de que os educadores se sensibilizem e implementem esse trabalho na rotina escolar.



As transformações no mercado de trabalho e na organização das famílias brasileiras, entre as quais se destaca a ampliação da participação das mulheres no trabalho remunerado, contribuíram para mudanças nas dinâmicas familiares e educacionais. Nesse contexto, as instituições escolares e outros espaços de socialização passaram a desempenhar papel relevante, em colaboração com as famílias, na educação para os valores sociais e para a cultura de paz. O convívio com outras crianças, profissionais e adultos de referência possibilita à criança viver em comunidade, experimentar diferentes formas de interação e construir saberes a partir dessas vivências.

Ademais, é importante conversar com as crianças sobre os valores presentes nas diferentes conjunturas sociais, considerando que, a depender do território, das desigualdades de oportunidades e dos processos de marginalização vivenciados por determinados grupos sociais, as crianças podem estar expostas a diferentes formas de violência desde os primeiros momentos de sua vida. Nestas situações, podem ser evidenciados:

Pais emocionalmente despreparados, que convivem com brigas, crises conjugais, sociais, profissionais e/ou financeiras, muitas vezes não percebem que seus filhos crescem cercados por amigos e inimigos, com conflitos gerados por informações transmitidas pela mídia, internet e todo o tipo infortúnio (Conte, 2009, p. 5).

Assim, ao abordar esse assunto, percebe-se que ele é extremamente amplo, pois transcende os limites das instituições de ensino, estendendo-se à sociedade e às dinâmicas familiares, que muitas vezes não estão preparadas para lidar com tal questão. Portanto, as escolas não podem ignorar essa realidade; é alarmante que estudantes cheguem ao ambiente escolar amedrontados ou até mesmo optem por abandonar os estudos em função da violência, especialmente da violência psicológica e do *bullying*. Muitos estudantes, em especial os mais vulnerabilizados ou aqueles que são negligenciados em razão dos padrões sociais tradicionais, são vítimas de intimidações. Por esse motivo, é essencial lutar contra qualquer forma de violência, uma vez que muitos estudantes enfrentam discriminação devido à sua condição social e, frequentemente, não encontram, no ambiente familiar, o apoio e a proteção necessários ao seu desenvolvimento integral, o que confere à escola, enquanto espaço/tempo educativo, significativa função social.

Mesmo assim, nem sempre se pode considerar que todas as instituições de ensino estão preparadas ou se preparando para o enfrentamento das multifacetadas formas de violência. Há relatos de estudantes que se tornam vítimas de *bullying* em razão de determinados modelos ou padrões de beleza e comportamento socialmente estabelecidos. Dessa forma, indivíduos que apresentam características diferentes dos “padrões” socialmente aceitos podem tornar-se alvos de intimidação, como é o caso de pessoas negras, obesas, excessivamente magras, tímidas, medrosas, homossexuais



ou pertencentes a classes sociais desfavorecidas, entre outras que, por algum motivo, são consideradas inadequadas a esses padrões (Fante, 2005).

A escola não pode ignorar esses acontecimentos; é fundamental desenvolver um trabalho sólido e consistente para enfrentar essa situação. É crucial garantir que essas pessoas não sejam vítimas de uma dupla marginalização: primeiro, pela estigmatização de características que não correspondem aos padrões socialmente estabelecidos e, segundo, pela discriminação vivida tanto na sociedade quanto no ambiente escolar.

O bullying é aquela expressão que se apresenta de forma velada, por meios de um conjunto de comportamento cruéis, intimidadores, prolongadamente contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos (Fante, 2005, p. 119).

Toda mudança envolve um processo de transformação, que pode ocorrer pela força, pela violência ou pelo diálogo, culminando, enfim, em uma mudança cultural. Quando se trata de transformação cultural, a escola constitui uma instituição estratégica na sociedade atual e um espaço privilegiado para esse trabalho.

Nos últimos anos, têm se ampliado os esforços para promover, nas escolas, a cultura de paz. É por meio de iniciativas dessa natureza que se torna possível promover transformações, substituindo comportamentos violentos por atitudes pautadas no respeito e na convivência harmoniosa.

Mas, afinal, o que significa trabalhar a cultura de paz nas escolas? De acordo com Bicalho (2013), quando se discute a cultura de paz, é essencial lembrar que o foco recai sobre o respeito à vida e à diversidade, a rejeição à violência, a escuta do outro com o objetivo de compreendê-lo, a preservação do planeta, a promoção da solidariedade, a busca pelo equilíbrio nas relações de gênero e entre etnias, além do fortalecimento da democracia e dos direitos humanos. Esses elementos integram o conceito de cultura de paz e convivência.

Falar de cultura de paz não implica a ausência de conflitos, mas a busca de soluções para eles por meio do diálogo, da compreensão mútua e do respeito às diferenças. A valorização da cultura de paz ganhou ainda mais força em 2000, proclamado pela Organização das Nações Unidas como Ano Internacional da Cultura de Paz. Contudo, os princípios associados à cultura de paz possuem antecedentes históricos anteriores a esse marco.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu, na Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, aprovada em 13 de setembro de 1999, princípios fundamentais para a definição de uma cultura de paz:



Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz (ONU, 1999).

Promover a transição da cultura da violência para a cultura de paz exige um trabalho intenso e contínuo, considerando que, há séculos, a sociedade tem convivido com práticas de violência, exploração humana, disputas territoriais, busca pelo poder e controle cultural, político e financeiro. Atualmente, é comum observar manifestações de violência nos meios de comunicação, seja no rádio, na televisão, em jornais e revistas, bem como em desenhos e jogos eletrônicos, o que pode contribuir para a naturalização dessa realidade.

A cultura da paz não deve ser vista como uma tentativa de unificar culturas ou mesmo substituí-las por uma única cultura. A rigor, não existe “uma cultura da paz”, mas sim “culturas de paz”. A expressão “cultura da paz”, no singular deve, pois, ser entendida como um “coletivo”, não como proposta de homogeneizar culturas ou estabelecer uma monocultura [...] O que se pretende a cultura da paz é ser a soma e a interação daqueles vários elementos de culturas diversas que promovem a paz (Tapety, 2012, p. 21).

Por essa razão, é fundamental desenvolver, nas instituições escolares em que o conceito de cultura de paz ainda não é abordado, um trabalho direcionado a essa temática. Isso porque a construção de uma cultura não ocorre de maneira imediata; ela demanda esforço contínuo e ações sistematizadas para que seja devidamente incorporada ao ambiente escolar e, por extensão, à sociedade como um todo. É igualmente essencial que, ao tratar do tema da paz, este seja compreendido de forma clara e objetiva. Nesse sentido, Jares (2002, p. 134) afirma: “A paz nega a violência, não os conflitos que fazem parte da vida”.

Ainda nesse contexto, Nunes (2011, p. 15) afirma que “pouco se fala do conflito como algo inerente à condição humana e como uma oportunidade para a construção do diálogo e da cooperação”. Para o autor, o conflito pode representar tanto um risco quanto uma oportunidade; o que determinará um desfecho positivo ou negativo será a forma como ele é administrado.

O ambiente escolar é repleto de conflitos, pois estes fazem parte do cotidiano e são inevitáveis em contextos nos quais há convivência entre pessoas. É natural que surjam divergências em um grupo, uma vez que cada indivíduo possui sua própria forma de pensar e agir. Nesse sentido, “quanto mais



houver conflitos devidamente elaborados com a ajuda dos educadores, menos violência nas escolas haverá” (Nunes, 2011, p. 17), uma vez que a adequada mediação dos conflitos pode contribuir para a resolução de problemas sem o recurso à violência.

Atualmente, é necessário desenvolver a habilidade de escutar o outro, superando a necessidade de ter razão. Em muitos casos, falta disposição para ouvir e compreender as diferentes trajetórias individuais e os elementos que influenciam o posicionamento de cada sujeito diante da vida. Reconhecer que nem sempre se está certo também constitui uma atitude importante para a convivência. Uma palavra mal interpretada frequentemente se torna motivo para agressões verbais e, quando não há compreensão por parte dos envolvidos, conflitos simples, que poderiam ser resolvidos facilmente, acabam tomando proporções maiores, culminando em agressões verbais e até mesmo físicas.

Para promover o diálogo na prática, diversas ações têm sido implementadas nas escolas. Uma iniciativa importante é a aplicação de práticas restaurativas. De acordo com Nunes (2011), essas práticas utilizam a comunicação não violenta para que os envolvidos no conflito reflitam e discutam os motivos que deram origem ao problema e os impactos decorrentes em suas vidas.

O diálogo visando resolver o problema passa a ser uma ação educativa, pois todos os envolvidos, sem julgamentos prévios ou definições, passam a se responsabilizar e a criar solução para o caso. [...] Em vez de culpar e punir, o foco é restaurar as relações entre as pessoas envolvidas no conflito, criando uma cultura de diálogo, respeito mútuo e paz (Nunes, 2011, p. 46).

Nas instituições de ensino, a necessidade preeminente não reside na eliminação dos conflitos, mas na promoção de uma educação orientada para a paz. Tal abordagem requer uma transformação cultural, que favoreça a substituição de práticas violentas por práticas pautadas na cultura de paz.

O ambiente escolar, conforme aponta Nunes (2011), encontra-se cada vez mais permeado pelo medo e pela insegurança, o que tem levado à adoção de medidas mais rigorosas, incluindo o aumento das penalidades e o apoio das forças policiais. Contudo, como adverte o autor, embora essas estratégias possam ser indispensáveis em determinadas circunstâncias, elas não apresentam resultados sustentáveis a médio e longo prazo, pois falham em considerar as origens da violência.

Diante disso, torna-se fundamental trabalhar, desde as primeiras etapas da formação educacional, a cultura de paz, visto que, conforme a perspectiva de Vygotsky apresentada por Rego (1999), a cultura constitui um elemento essencial nos processos de transformação do sujeito e de seu meio:

Nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. Desse ponto de vista, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma



determinada cultura. É, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se desenvolve (Rego, 1999, p. 94).

É fundamental que, desde cedo, as crianças cresçam em um ambiente livre de violência. Esse é o grande desafio: transformar a cultura da violência em uma cultura de paz, a partir da formação das novas gerações. Essa transformação começa na convivência pacífica em casa e na escola, contribuindo para a formação de adultos para os quais o respeito e a harmonia sejam valores essenciais nas relações interpessoais.

Assim, a educação integral e participativa apregoa como princípio o enfrentamento das formas de violência que ciclicamente têm marcado os cotidianos humanos e escolares, bem como a redução de suas ocorrências, por meio de um planejamento estratégico que contemple reflexões, diálogos e ações que evidenciem a importância de superar os diferentes marcadores de violência nas relações humanas.

3. DESENVOLVIMENTO

Em seus escritos, Ailton Krenak (2020; 2021) tem discutido, juntamente com outros autores, a importância da reconexão do ser humano com as relações humanas de forma respeitosa, buscando compreender-se como ser cosmológico. Repensar as nossas existências favorece o desvelamento dos conflitos sociais e reacende o desejo de construir mecanismos para enfrentá-los em prol de uma sociedade cada vez mais justa, equânime e democrática.

Nestes termos, esta pesquisa qualitativa, fundamentada na pesquisa participante, foi realizada no período de 5 de julho a 24 de outubro de 2023 e constituiu-se em um percurso metodológico que envolveu o estudo de conceitos, a construção de uma agenda para a cultura de paz e a promoção de experiências e atividades interativas envolvendo crianças e suas famílias (Gil, 2002). O contexto pesquisado é uma escola que atende à Educação Infantil na capital sergipana.

Sendo assim, foram propostas atividades para as crianças realizarem em suas residências, em parceria com os pais e familiares. Os responsáveis registraram a realização das tarefas por meio de fotos, que foram enviadas às pesquisadoras para a coleta de dados e a análise dos resultados obtidos.

Dessa maneira, os dados apresentados referem-se à turma de três anos da creche em período integral, com trabalhos desenvolvidos pela docente regente, mediante acompanhamento, planejamento e interação com a equipe pedagógica e os familiares dos estudantes.

Durante o desenvolvimento das atividades, foram explorados temas relacionados à cultura de paz na escola e na família, bem como questões relacionadas a valores morais. A abordagem adotada priorizou a ludicidade, considerando que o público-alvo era constituído por crianças. Para envolvê-las, foram utilizadas estratégias como contação de histórias e atividades práticas relacionadas aos



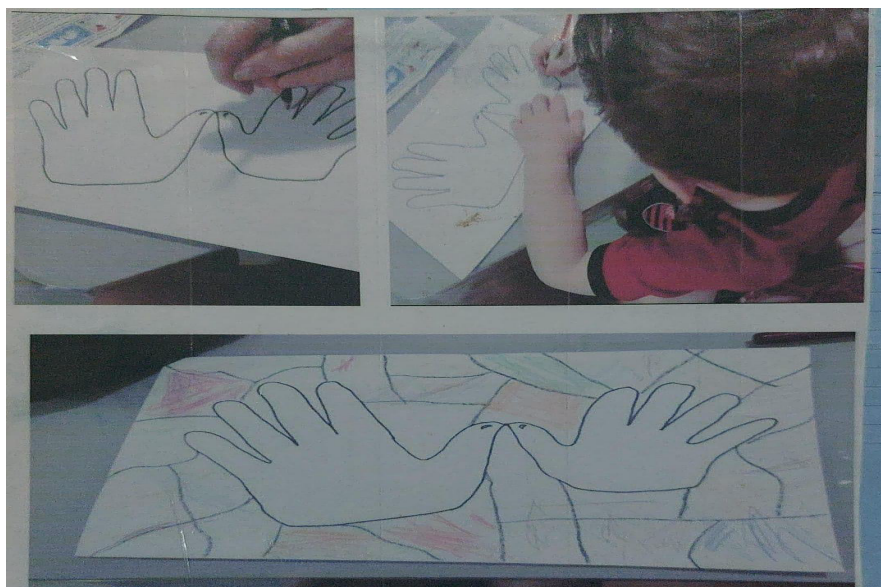
temas trabalhados.

Inicialmente, o projeto foi apresentado aos pais dos alunos e, em um segundo momento, à equipe de professores, à coordenação e à direção da escola. Após essa etapa de apresentação à comunidade escolar, foram iniciadas as oficinas com as crianças.

Na categoria 1, intitulada “A criança em paz na escola”, observou-se a participação das crianças em rodas de conversa, a reflexão sobre conceitos por meio de histórias, a reflexão sobre o conceito de paz, a produção de cartazes, jogos e brincadeiras, a produção de desenhos, entre outras atividades. Nesta categoria, emergiram, por meio das falas e narrativas das crianças, questionamentos e compreensões decorrentes da reelaboração ativa dos conceitos trabalhados, bem como a reconfiguração de ações de cuidado, respeito e tolerância consigo mesmas, com seus pares e com os adultos. Observar o comportamento das crianças durante atividades lúdicas, que envolvem regras e imaginação, possibilita identificar como a atribuição de significados influencia sua percepção e suas atitudes (Pimentel, 2008).

Por sua vez, na categoria 2, intitulada “A criança em paz na família”, foram realizados encontros com as famílias para conversas sobre atitudes não violentas, além da utilização de folhetos e da realização de atividades com as crianças dentro e fora da escola. No processo de construção das atividades, solicitou-se aos pais que registrassem, por meio de relatos e fotos, as etapas de cada atividade desenvolvida, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Decalque das mãos, feito pelo aluno Y. F. de S. (3 anos e 5 meses) e sua mãe



Fonte: Elaborada através do registro fotográficos (2023).

A partir desses relatos e fotos, compreendemos a importância da indissociabilidade entre a escola e a família no desenvolvimento dos projetos e das atividades, com vistas a promover uma



aprendizagem significativa e humanizada para as crianças. Nos depoimentos orais e escritos, os pais relataram a relevância de refletir sobre os conceitos de paz, de realizar atividades com as crianças sobre princípios de não violência e de reconhecer a importância de a escola abordar essa temática como componente curricular de modo contextualizado.

O sentimento de alegria e cumplicidade em estarmos fazendo juntos a atividade ainda mais quando se fala de paz. Muito bom e satisfatório ele ama desenhar a mãozinha e quando viu que se transformou em um pássaro, ficou muito feliz. Aconcheguei ele no meu colo e fizemos bem juntinhos. (Relato da mãe do criança Y. F. de S.; 3 anos e 5 meses).

Conforme Pimentel (2008), a brincadeira está diretamente ligada ao desenvolvimento potencial, pois ela possibilita a criação de conexões entre processos imaginativos e o desenvolvimento psicológico. Isso permite que a criança acesse, interprete, atribua significados e transforme tanto a realidade quanto a si mesma. De acordo com a autora, toda atividade envolve uma situação imaginária, e é por meio dessa condição que a criança se dispõe a encarar os desafios impostos pela brincadeira, considerando seus objetivos e regras.

Nesse movimento metodológico, emergiu a categoria 3, intitulada “A criança em paz no mundo”, na qual a docente retoma relatos das crianças e das famílias que apresentam exemplos cotidianos de como os temas, conceitos e ações promovidos por esta pesquisa participante ultrapassam o ambiente escolar e ganham novos significados, refletindo-se em atitudes, sentimentos e ações nos diferentes espaços e esferas da vida social das crianças e de suas famílias, conforme mostra a Figura 2, que apresenta uma atividade realizada por uma aluna:

Figura 2: Decalque das mãos, feito pela criança L. G. M. (3 anos e 7 meses) e seu pai



Fonte: Elaborada através do registro fotográficos (2023).



No que se refere à aplicabilidade da atividade proposta, esta abrange elementos de socialização e de compartilhamento de experiências e informações, por meio de uma linguagem lúdica, clara e direta, conforme evidencia o relato do pai da criança apresentado a seguir:

Um sentimento de gratidão em ver o desenvolvimento de L., principalmente na parte da pintura. Referente a experiência e muito bom sempre fazer parte e acompanhar o dia a dia dela estando presente e orientando. Nos relacionamos muito bem, foi uma atividade muito divertida demos muitas risadas (Relato do pai da aluna L. G. M., 3 anos e 7 meses).

Diante do relato apresentado, percebeu-se que a aplicação da atividade lúdica se caracteriza pela descontração, o que contribui para a redução da inibição e promove a integração no contexto familiar. A ludicidade constitui, assim, uma estratégia relevante para o desenvolvimento de habilidades e a construção de conhecimentos em um contexto de brincadeira (Sousa; Victor, 2007).

Abordar temas como ética, respeito e cooperação na Educação Infantil nem sempre é uma tarefa simples. Por essa razão, utilizou-se a linguagem lúdica para tratar de temas relevantes para a formação dos indivíduos desde a infância. Na oficina aqui apresentada, buscou-se trabalhar a prevenção da violência na Educação Infantil, retomando os valores já explorados em encontros anteriores. Como parte da atividade, foi proposta a criação de desenhos que simbolizassem a paz e a não violência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas sobre a cultura de paz possibilitaram reconhecer a complexidade dos aspectos relacionados ao cuidado integral das crianças da Educação Infantil, uma vez que o trabalho com essa temática exige a observância de suas especificidades e particularidades, constituindo uma estratégia relevante para a prevenção da violência, bem como para o estímulo e a valorização da formação de valores na Educação Infantil.

Em relação aos resultados obtidos durante a pesquisa, evidenciou-se a importância da construção de redes de reflexão e de vivências pautadas na cultura de paz como direito e dever, com vistas à promoção de ações educativas voltadas à paz a partir das vivências cotidianas.

Observou-se a ampliação do reconhecimento dos direitos, dos valores, do respeito à dignidade humana, à democracia e às diferenças, considerando as necessidades e particularidades das crianças por meio de reflexões e ações cotidianas que favorecem a compreensão de si e do outro e contribuem para a construção de ambientes sociais pautados na tolerância, solidariedade, paz e harmonia.

Evidenciou-se a compreensão da importância da reflexão e da construção de sentimentos e



ações positivas, pacíficas e solidárias para a convivência harmônica nas relações humanas, bem como da promoção de atitudes de não violência mediante ações concretas de mediação e educação em situações de conflito e de valorização de princípios como solidariedade e respeito à diversidade.

Entre os resultados alcançados, considera-se fundamental ampliar e qualificar a parceria com as famílias, estimulando seu protagonismo na construção da paz, da empatia e da colaboração, por meio de um trabalho pautado na atenção, na escuta e em ações que favoreçam, junto às crianças, reflexões sobre atitudes e valores relacionados à paz e à empatia nas relações humanas. As reflexões e a participação das crianças dentro e fora do ambiente escolar foram de suma importância para o alcance do objetivo desta pesquisa.

Foram construídos laços significativos com o objetivo de aproximar escola e família, fortalecendo sentimentos de paz, empatia e colaboração no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças. Essa interação possibilitou às crianças expressar suas ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação social entre a escola e a família, potencializando seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e social.

Ao promover a interação entre a família e a escola no processo de aprendizagem, foi possível diversificar as atividades e as formas de interação entre as famílias e a escola. A participação das famílias no projeto desenvolvido pela escola oportunizou às crianças experiências e vivências diversificadas, potentes e significativas.

A pesquisa participante possibilitou compreender a importância da contribuição das famílias, expressa em atitudes de carinho, respeito e empatia no desenvolvimento das atividades com suas crianças ao longo do projeto/pesquisa. Os relatos e as fotos evidenciam o incentivo à autonomia das crianças na perspectiva da Educação Integral.

Em suma, houve ampliação do envolvimento das famílias e fortalecimento dos sentimentos de paz, empatia e colaboração no processo de aprendizagem significativa das crianças. Ao participarem do desenvolvimento do projeto/pesquisa e realizarem, passo a passo, as atividades propostas com as crianças de forma prazerosa e lúdica, as famílias contribuíram para aproximar escola e família, favorecendo um ambiente harmônico e fraterno na comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BICALHO, M. **Cultura de paz: convivência e cultura de paz**. 2013. Disponível em: <http://convivenciaepaz.org.br/cultura-de-paz/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 25 nov. 2025.



BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Guia escolar**: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2004.

CONTE, Sueli. **Bastidores de uma escola**: entenda por que a interação entre a escola e a família é imprescindível no processo educacional. São Paulo: Gente, 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos**: o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NUNES, Antonio Ozorio. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Assembleia Geral. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. Resolução A/RES/53/243, de 13 de setembro de 1999. Nova York: ONU, 1999. Disponível em:

<http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2026.

PIMENTEL, Alessandra. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 26, p. 109-133, jun. 2008. Disponível em:

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n26/v26a07.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA, Rosilea Alves de; VICTOR, Janaína Fonseca. Grupo de teatro de fantoches Saúde com Arte: proposta de enfermagem para educação em saúde. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 79-84, maio/ago. 2007. DOI: 10.15253/2175-6783.20070002000010. Disponível em:

<https://periodicos.ufc.br/rene/article/view/5322>. Acesso em: 10 dez. 2025.

TAPETY, Clésio. O que é cultura da paz. **Cultura de Paz**: Textos, 2 de jan. de 2013. Disponível em: <http://culturadapaztextos.blogspot.com/>. Acesso em 30 nov. 2025.